

DIÁLOGOS EM TORNO DA TEMÁTICA AFRICANA E O CURRÍCULO DE FORMAÇÃO DOCENTE EM GEOGRAFIA

Raquel Almeida Mendes¹

Alex Ratts²

Resumo. O intuito do trabalho é discutir sobre formação de professores/as de Geografia ante o ensino da temática africana. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, ancorada em técnicas de revisão bibliográfica e análise de ementas e planos de ensino. Nosso objetivo é averiguar o teor das ementas, abordagens geográficas e referenciais bibliográficos adotados, bem como compreender as concepções formativas sobre África dialogadas no processo de formação docente em Geografia e suas contribuições no tocante a desconstrução de estereótipos e enviesamentos. Os resultados da pesquisa nos denotaram que há maior destaque à percepção regionalista, por se tratar de uma região do mundo, diferenciada em nível de cultura, política e economia. Reiteramos nossa inquietação mediante a moderada discussão sobre ensino de geografia africana, haja vista que estamos dialogando sobre cursos de formação docente, o que nos remete a possíveis lacunas no processo de implementação da lei nº 10.639/03.

Palavras-chave: África; Geografia africana; formação docente; currículo; educação geográfica.

DIALOGUES AROUND THE AFRICAN THEME AND THE GEOGRAPHY TEACHER TRAINING CURRICULUM

Abstract. The objective of the work is to discuss Geography teacher training and teaching on the African theme. It is a qualitative research, anchored in techniques of bibliographic review and analysis of menus and teaching plans. Our aim is to ascertain the content of the menus, geographical approaches and bibliographic references adopted, as well as understanding the formative conceptions about Africa dialogued in the process of teacher education in Geography and their contributions regarding the deconstruction of stereotypes. The research results show that there is a greater emphasis on the regionalist perception, as it is a region of the world, differentiated in terms of culture, politics and economics. We reiterate our concern through the moderate discussion

¹ Doutoranda em Geografia pelo Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), almeidamendesraquel@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-5216-2288>.

² Docente do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás (IESA/UFG), alex.ratts@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-9861-5163>.

MEDES E RATTS, África e Formação de Professores e Professoras de Geografia: um Estudo a partir das Ementas de Disciplinas sobre Geografia Africana.

on teaching African geography, given that we are talking about teacher training courses, which leads us to possible gaps in the process of implementing law number 10.639/03.

Keywords: Africa; African Geography; teaching training; curriculum; geographic education.

DIÁLOGOS SOBRE EL TEMA AFRICANO Y EL CURRÍCULO DE FORMACIÓN DE PROFESORES GEOGRAFÍA

Resumen. El propósito del trabajo es discutir la formación de profesores de Geografía y la enseñanza sobre el tema africano. Se trata de una investigación cualitativa, anclada en técnicas de revisión bibliográfica y análisis de menús y planes didácticos. Nuestro objetivo es investigar el contenido de los menús, enfoques geográficos y referencias bibliográficas adoptadas, así como comprender las concepciones formativas sobre África discutidas en el proceso de formación del profesorado en Geografía y sus aportes en cuanto a la deconstrucción de estereotipos. Los resultados de la investigación muestran que hay un mayor énfasis en la percepción regionalista, por ser una región del mundo, diferenciada en términos de cultura, política y economía. Reiteramos nuestra preocupación a través de la discusión moderada sobre la enseñanza de la Geografía africana, dado que estamos hablando de cursos de formación docente, lo que nos lleva a posibles vacíos en el proceso de implementación de la ley nº 10.639/03.

Palabras clave: África; Geografía africana; formación docente; plan de estudios; educación geográfica.

Introdução

No presente trabalho nos atemos em discutir as nuances curriculares do ensino de saberes africanos e afro-brasileiros, considerando, sobretudo, os aspectos de conteúdo, metodologia, abordagens teóricas e referenciais bibliográficos em cursos de formação de professores/as de Geografia provenientes de universidades brasileiras e que apresentam em seus currículos disciplinas temáticas específicas sobre geografia africana.

Os procedimentos metodológicos adotados neste trabalho se constituem numa perspectiva de pesquisa qualitativa. Esse tipo de pesquisa, de acordo com Goldenberg (2003), recusa legitimar-se a moldes positivistas, explicações gerais e/ou modelos únicos

MEDES E RATTS, África e Formação de Professores e Professoras de Geografia: um Estudo a partir das Ementas de Disciplinas sobre Geografia Africana.

de investigação e no intuito de viabilizar esse método adotamos as técnicas de pesquisa de revisão bibliográfica e análise documental.

Foram selecionadas bibliografias referentes a temática de Geografia da África, ensino de Geografia e currículo, formação de professoras\professores de Geografia, havendo também grande destaque em torno do diálogo com bibliografias advindas da área da Pedagogia, História, Antropologia, Sociologia e demais ciências afins.

O levantamento das ementas ocorreu a partir de consultas à Rede Nacional de Geógrafos/as Pretos/as³ e a busca por documentos curriculares (Projetos pedagógicos dos cursos (PPC) e Grades curriculares) nos sítios das universidades, sendo selecionada apenas as instituições com disciplinas de geografia africana disponibilizadas no período de 2019 a 2020, período de realização da pesquisa.

Foram estabelecidos, dessa maneira, diálogos sobre o desafio de uma formação de professores/as descolonizada, entendendo os obstáculos ainda persistentes na constituição de um ensino de Geografia antirracista e suas implicações no tocante às abordagens geográficas sobre o continente africano nos cursos de licenciatura.

A sociedade brasileira, de maneira estrutural e institucional, tem reproduzido a colonialidade⁴ nos mais diversos espaços. Existe um processo de silenciamento de determinados temas e problemáticas, tais como a questão africana e afro-brasileira, em espaços de difusão de conhecimento, sobretudo, em prol da manutenção de uma

³ A Rede de Geógrafos/as Pretos/as teve o seu início em 2018, no Congresso Nacional de Pesquisadores Negros (COPENE, 2018), diante da Sessão Temática – Geografia das relações étnico-raciais e Geografias negras, coordenada por: Diogo Marçal Ciqueira (IEAR-UFF); Geny Ferreira Guimarães (CTUR/UFRRJ) e Lorena Francisco de Souza (UEG-Itapuranga). Nesta ocasião ocorreu um encontro, conhecimento e reconhecimento de Geógrafas e Geógrafos Negros com contribuições de todo país. Logo, mediante a troca de contatos, ficou decidida a formação da Rede via *Whatsapp*. Após a formação da Rede e a entrada de mais integrantes ficou instituído que o contato resultaria em movimentos no sentido de estabelecer encontros e reuniões em eventos e atividades acadêmicas de maneira mais efetiva. Um desses encontros culminou no XIII Encontro Nacional da ANPEGE, cujo resultado foi a elaboração do Manifesto “Por uma Geo-grafia Negra”.

⁴ Segundo Quijano (2005, p.09) “A elaboração intelectual do processo de modernidade produziu uma perspectiva de conhecimento e um modo de produzir conhecimento que demonstram o caráter do padrão mundial de poder: colonial/moderno, capitalista e eurocentrado”.

MEDES E RATTS, *África e Formação de Professores e Professoras de Geografia: um Estudo a partir das Ementas de Disciplinas sobre Geografia Africana*.

estrutura vigente, fazendo de escolas e universidades um espaço reprodutor de narrativas hegemônicas.

Os cursos de licenciatura, não isentos dos aspectos citados acima, fazem parte de um cenário de reprodução de discursos generalistas, enviesado com perspectivas eurocentradas que consubstanciam o fazer científico moderno-colonial e, por conseguinte, naturaliza e hierarquiza essas epistemes em detrimento de outras (MIGNOLO, 2017).

A reverberação desses aspectos alcançam as propostas curriculares das licenciaturas e seus referenciais teórico-metodológicos, delineando, de alguma maneira, a formação docente. Em função disso, a presente pesquisa se justifica no entendimento das abordagens e concepções sobre África nos currículos de licenciatura e na formação docente em Geografia.

Considerações acerca da temática africana e estudos curriculares

O ensino sobre África passa a ser conteúdo obrigatório em sala de aula a partir da lei nº 10.639/03, fruto de reivindicações e articulações de ativistas negros/as no Brasil, visando uma ampliação dos saberes africanos e afrodescendentes que foram e ainda são parte fundamental na perspectiva histórico-geográfica brasileira (GOMES, 2006).

O texto da lei nº 10.639/03 consiste na obrigatoriedade do ensino sobre História da África e Cultura Afro-brasileira no âmbito de todo o currículo escolar, dessa forma, vê-se também na Geografia uma disciplina responsável por contribuir na inserção desses saberes. Segundo Santos (2011), no que tange à legislação supracitada:

A Lei reposiciona o negro e as relações raciais na educação – transformando em denúncia e problematização o que é silenciado (como, p. ex., o racismo no cotidiano escolar), chamando a atenção para como conhecimentos aparentemente “neutros” contribuem para a reprodução de estereótipos e estigmas raciais e para o racismo. A 10.639 nos coloca o desafio de construir uma educação para a igualdade racial, uma formação humana que promova valores não racistas (SANTOS, 2011, p.05).

MEDES E RATTS, África e Formação de Professores e Professoras de Geografia: um Estudo a partir das Ementas de Disciplinas sobre Geografia Africana.

Dessa maneira, uma educação que não exclua as temáticas sobre África e cultura afro-brasileira dispõe a se colocar na contramão do racismo presente nas instituições de ensino, entendendo que o racismo, um processo atrelado a hierarquias de raça e etnia, tem ganhado novos arranjos, para além de fatores unicamente ligados à corporeidade e fenótipos (GROSFOGUEL, 2012), ou seja, temos nesse processo de subjugação da produção de conhecimento de/para/sobre África o então chamado racismo epistêmico que “[...] destrói formas de conhecimento de ancestralidades africanas e usurpa modos de ver, sentir fazer e ser-estar no mundo” (OLIVEIRA, 2018, p.10).

Quer seja o currículo da educação básica ou a proposta curricular dos cursos de ensino superior, tem-se um campo extenso de análises e investigações quanto às intencionalidades no processo de construção do currículo que, sobretudo, reflete os lugares sociais de cada temática.

Segundo Tomaz Tadeu da Silva, em seus estudos sobre teorias curriculares:

O processo de fabricação do currículo não é um processo lógico, mas um processo social, no qual convivem, lado a lado com fatores lógicos, epistemológicos, intelectuais, determinantes sociais menos “nobres” e menos “formais”, tais como interesses, rituais, conflitos simbólicos e culturais, necessidades de legitimação e de controle, propósitos de dominação dirigidos por fatores ligados à classe, raça ou gênero (SILVA, 1996, p.79).

Partindo desse pressuposto, podemos compreender que a construção do currículo não se dá exclusivamente por uma ordem lógica impremeditada, nesse processo, questões de dominação são reafirmadas, preconceitos tais como os atrelados à racialidade são reproduzidos (SILVA, 2013). As abordagens quanto ao currículo apontam a sua relevância no âmbito das relações políticas e históricas. Aquilo que estudamos e discutimos nas unidades de ensino não é resultante de um mero acaso, é, todavia, uma imposição daqueles que detêm o poder.

Todo conhecimento produzido não é dotado de plena liberdade em relação a quem o produz, mas em relação ao que deve ser transmitido, em consonância com as imposições de segmentos hegemônicos. Partindo dessa ideia, podemos compreender

MEDES E RATTS, África e Formação de Professores e Professoras de Geografia: um Estudo a partir das Ementas de Disciplinas sobre Geografia Africana.

que determinados grupos sociais são tidos como visíveis em detrimento de outros que são excluídos de possíveis abordagens no ensino básica e superior, sendo este o caso das questões africanas e afro-brasileiras (GOMES, 2006).

O processo de descolonização do currículo torna-se um fator de extrema importância para a ruptura do silenciamento ainda resistente no meio educacional. Sendo assim, devemos por meio das políticas curriculares reivindicadas pelo movimento negro brasileiro, inserir de forma diligente os conteúdos sobre África e Cultura Afro-brasileira nas instituições de ensino (GOMES, 2012).

É possível reafirmar através das proposições da autora supracitada que:

[...] a descolonização do currículo implica conflito, confronto, negociações e produz algo novo. Ela se insere em outros processos de descolonização maiores e mais profundos, ou seja, do poder e do saber. Estamos diante de confrontos entre distintas experiências históricas, econômicas e visões de mundo (GOMES, 2012, p.107).

Um currículo descolonizado de Geografia contemplará outros enunciadores, outras narrativas, outros\os agentes de produção do espaço advindos de povos que foram deixados à margem do processo de construção do pensamento geográfico, tais como africanos e afrodescendentes, permitindo uma nova roupagem à ciência, contemplando a diversidade cultural e étnico-racial.

África e Africanidades nos Planos de Ensino dos cursos de Licenciatura em Geografia

Os planos de ensino são considerados como principal elemento dessa pesquisa, tendo em vista as possibilidades desse documento na compreensão dos caminhos teóricos e metodológicos de cada docente. A forma como estes interpretam, selecionam e constroem o delineamento da disciplina posta institucionalmente, refletem suas visões de mundo e posicionamentos políticos e ideológicos. Cada método, proposta didática e bibliografia adotada, atribui perspectivas próprias a disciplina, o que favorece no entendimento das múltiplas formas de lecionar uma mesma temática.

MEDES E RATTS, África e Formação de Professores e Professoras de Geografia: um Estudo a partir das Ementas de Disciplinas sobre Geografia Africana.

Partindo desse pressuposto, buscamos por meio da análise dos planos de ensino compreender qual geografia africana tem sido ensinada nos espaços acadêmicos e quais abordagens geográficas têm sido acionadas.

Desse modo, notamos que a pluralidade das abordagens sobre África tem nos evidenciado as potencialidades geográficas quanto a esse debate e também nos instigado a pensar em que medida certas abordagens se compatibilizam com o que propomos sobre um ensino de África voltado para romper narrativas hegemônicas.

São oito planos que integram a análise dessa seção, provenientes de oito instituições de ensino distintas, sendo três destas localizadas na Região Sudeste (USP/UERJ/UFRJ), uma na Região Sul (UFRGS), duas na Região Centro-Oeste (UFG/UnB), uma na Região Norte (UFT) e uma na Região Nordeste (UNEB), conforme o mapa posto a seguir.

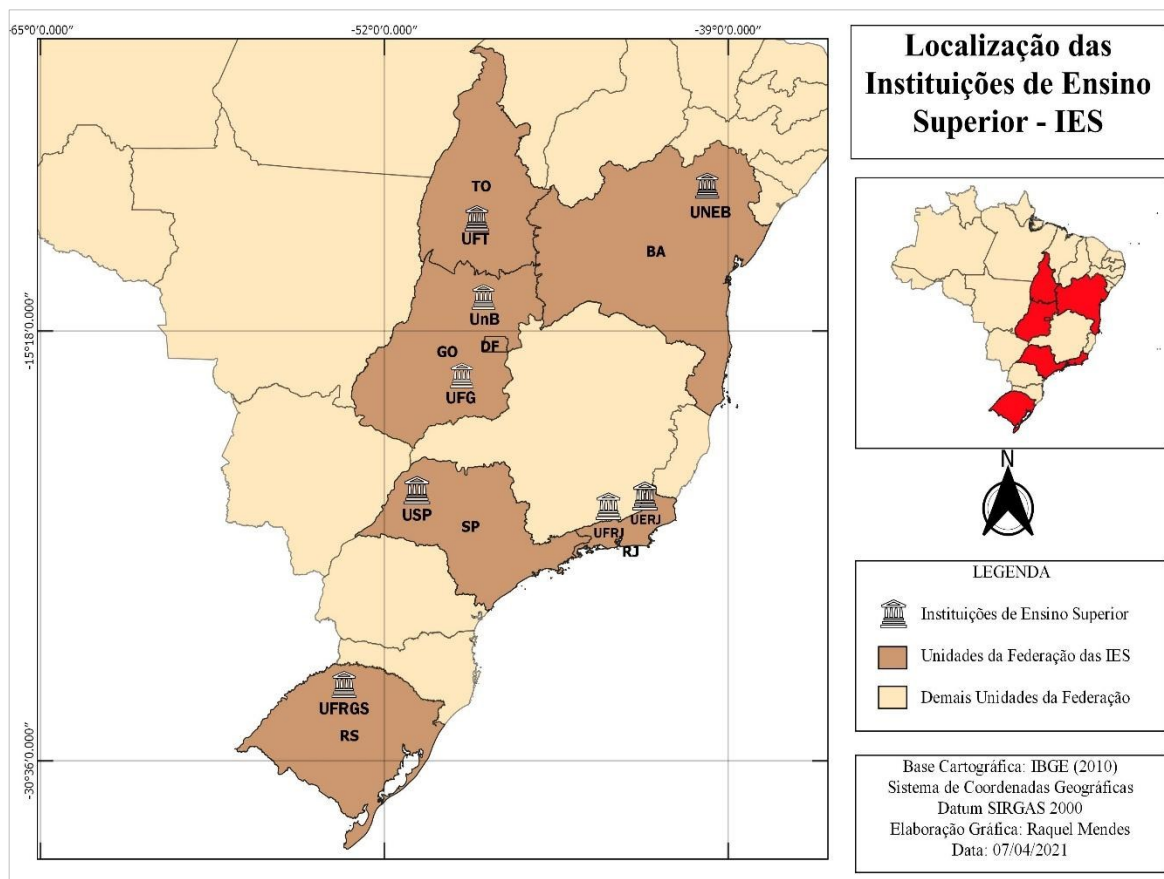


Figura 01: Localização das IES que dispõem disciplinas sobre Geografia africana em seus currículos (2019-2020)

MEDES E RATTIS, África e Formação de Professores e Professoras de Geografia: um Estudo a partir das Ementas de Disciplinas sobre Geografia Africana.

Ainda que não tenha sido premeditada a busca por instituições advindas das cinco regiões brasileiras, nos pareceu interessante considerar as peculiaridades de cada região no processo de leitura crítica dos planos de ensino e suas peculiaridades regionais no tocante as questões africanas e afro-diaspóricas, tal qual mencionado nos planos de ensino da UNEB e UERJ⁵.

No primeiro momento da pesquisa foram realizadas leituras dos planos de ensino com o objetivo de extrair as ideias a respeito dos conteúdos africanos, considerando o teor da disciplina no que tange seus objetivos, ementas, conteúdos programáticos e abordagens geográficas, dentre outros aspectos presentes. No quadro 01 apresentaremos as disciplinas ao qual analisamos e uma síntese dos aspectos previstos nos planos de ensino.

Quadro 01: Abordagens geográficas sobre África em Instituições de Ensino Superior Públicas

Disciplina “Geografia Regional da África” / Geografia – UFRJ
A disciplina prevê a discussão dos fatores de regionalização, a questão da água, aspectos populacionais e de mobilidade, riscos alimentares, urbanização, desenvolvimento da África no contexto da globalização econômica e correlatos. O plano de ensino não apresenta detalhamentos para além da ementa, tais como o plano de curso e metodologias de ensino.
Disciplina “Geografias Descoloniais” / Geografia – UFRGS
O objetivo da disciplina é debater os grandes espaços mundiais, com foco na África e a Ásia, visando construir abordagens voltadas para o ensino de Geografia; propondo o estudo das teorias descoloniais e instrumentalizando licenciandos para o ensino das temáticas afro-brasileiras e indígenas. O plano de curso é subdividido em três partes: “Geografias Descoloniais”, “Geografia da África e Afro-brasileira” e “Orientes”. A metodologia delinea-se pela abordagem de temas ligados a áreas geográficas consideradas periféricas de acordo com o mundo ocidental, destacando a relevância dos discursos no campo da geografia afro-brasileira e suas territorialidades.
Disciplina “Tópicos em Geografia Humana: Geografia da África” / Geografia – UFG
A ementa da disciplina prevê discussões sobre ensino de Geografia da África, sociedades africanas da antiguidade e do período moderno/colonial, escravidão e colonização na perspectiva atlântica, e movimentos culturais e políticos em África,

⁵ A continuação da pesquisa em nível de mestrado, a partir do contato com os/as docentes, nos apontou que durante a disciplina são realizados trabalhos de campo e estudos no que concerne às comunidades remanescentes de quilombo do litoral baiano e do Circuito Histórico e Arqueológico da Herança Africana no Rio de Janeiro.

MEDES E RATTS, *África e Formação de Professores e Professoras de Geografia: um Estudo a partir das Ementas de Disciplinas sobre Geografia Africana.*

com foco nos processos de independência e descolonização. As discussões ao longo da disciplina ocorrem por meio de unidades temáticas, sendo elas: “Imagens da África”; “África, Educação e Geografia”; “Sociedades africanas na antiguidade e medievo: Kemet (Egito) e o Bilad-As-Sudan (Mali);” “Sociedades africanas no período moderno/colonial” e “Colonização e descolonização na perspectiva atlântica”.

Disciplina “Geografia Africana e Afro-brasileira” / Geografia – UnB

O plano da disciplina se baseia no estudo das características físicas e mineralógicas do continente africano, compreensão das condicionantes físico-ambientais dos territórios e suas transformações institucionais, discussão de aspectos demográficos e de urbanização africana, considerando o processo atual de exclusão territorial no mundo contemporâneo, estabelecimento de referências para a compreensão do tráfico negreiro, dos quilombos, da imagem geográfica construída para os trópicos, da população brasileira, afro-brasileira e marginalizada e o debate sobre o contexto atual das comunidades e dos territórios quilombolas do país.

Disciplina “Ensino de Geografia da África e Educação para as Relações Étnico-Raciais” / Geografia – UFT

O plano de ensino da disciplina atesta que o objetivo da mesma é refletir sobre os conteúdos curriculares para o ensino de Geografia das questões raciais, étnicas e africanas no espaço rural e urbano. O conteúdo programático se subdivide em quatro tópicos: A África antes dos europeus: o berço da humanidade; Geografia e Raça – Espacialização da raça e das relações raciais na escola; Relações Raciais no Currículo Escolar e A África na Geografia Escolar. A metodologia contida no plano ocorre em torno de aulas expositivas, trabalhos em grupo e análises fílmicas.

Disciplina “Organização do Espaço Mundial I e II” / Geografia – UERJ

De acordo com o plano de ensino a disciplina debate as matrizes conceituais de diferenciação do espaço e as transformações políticas, econômicas, sociais e ambientais operadas no mundo a partir da globalização capitalista. Prevê-se também a discussão sobre movimentos sociais na contestação da ordem capitalista e a geografia regional dos continentes, pensando na divisão com base física-territorial do mundo, sendo este o patamar de discussão sobre África.

Disciplina “Geografia da África” / Geografia – UNEB

A ementa da disciplina prevê uma discussão ampla sobre a Geografia da África, abrangendo vários pontos, desde a África pré-colonial (Impérios, reinos e civilizações africanas), invenção e reinvenção da África, expansão mercantilista e a organização do sistema-mundo moderno-colonial, até a diáspora africana nas Américas e no Brasil, considerando as discussões sobre neocolonialismo, pan-africanismo, formas de organização espacial dos africanos em diáspora no Brasil e nas Américas, racismo epistemológico e estrutural, negritude no espaço urbano e campesinato negro brasileiro.

Disciplina “Geografia Regional I – África” / Geografia – USP

O plano de ensino discute a compreensão do processo de formação do território africano, considerando aspectos da história, cultura e geopolítica do continente, tendo em conta o diálogo sobre a África Pré-colonial, processo de colonização, diáspora negra, cultura afro-brasileira, movimento negro-organizado, luta antirracista

MEDES E RATTS, *África e Formação de Professores e Professoras de Geografia: um Estudo a partir das Ementas de Disciplinas sobre Geografia Africana.*

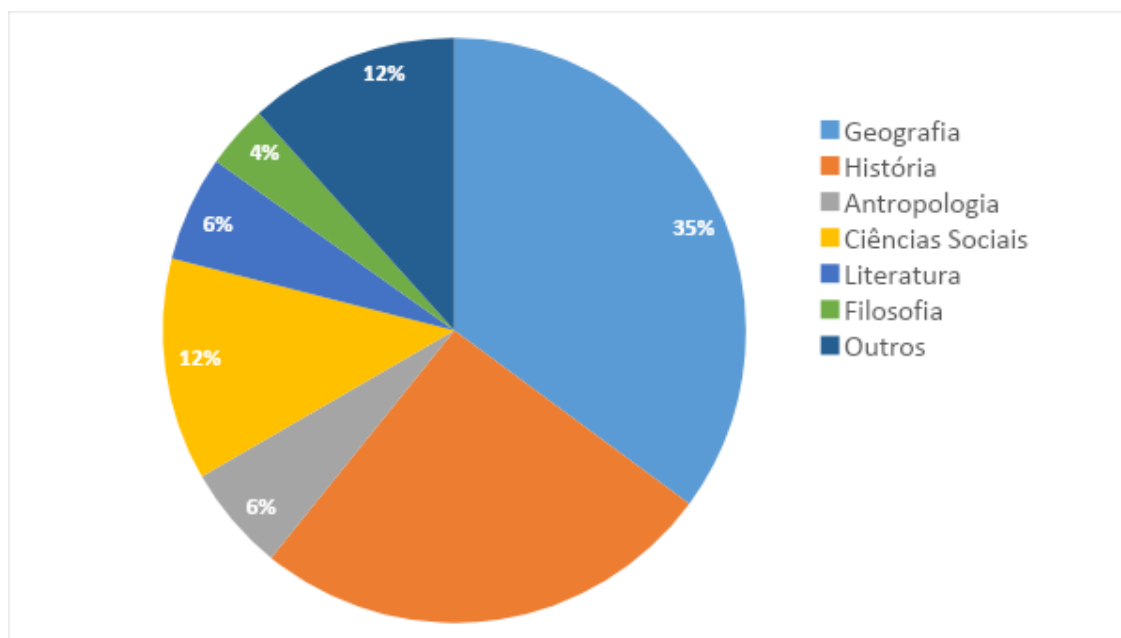
e anti-discriminatória, lei 10.639/03 e suas implicações para o ensino de Geografia e análise de aspectos organizacionais das comunidades negras brasileiras.

Elaboração: autores

No segundo momento houve a análise das informações contidas nos planos de ensino, considerando dois principais pontos de reflexão: os referenciais bibliográficos previstos na disciplina e as abordagens geográficas sobre a temática.

Os referenciais bibliográficos foram considerados no processo de análise dos planos de ensino para fins de entendimento sobre quais áreas do conhecimento são acionadas e quais as bases teóricas utilizadas nas disciplinas sobre Geografia Africana. Dessa maneira, constatamos o total de 171 referências presentes nas bibliografias (básica e complementar) de acordo com o conjunto de 08 planos de ensino.

Gráfico 02: Bibliografia por áreas da Ciência



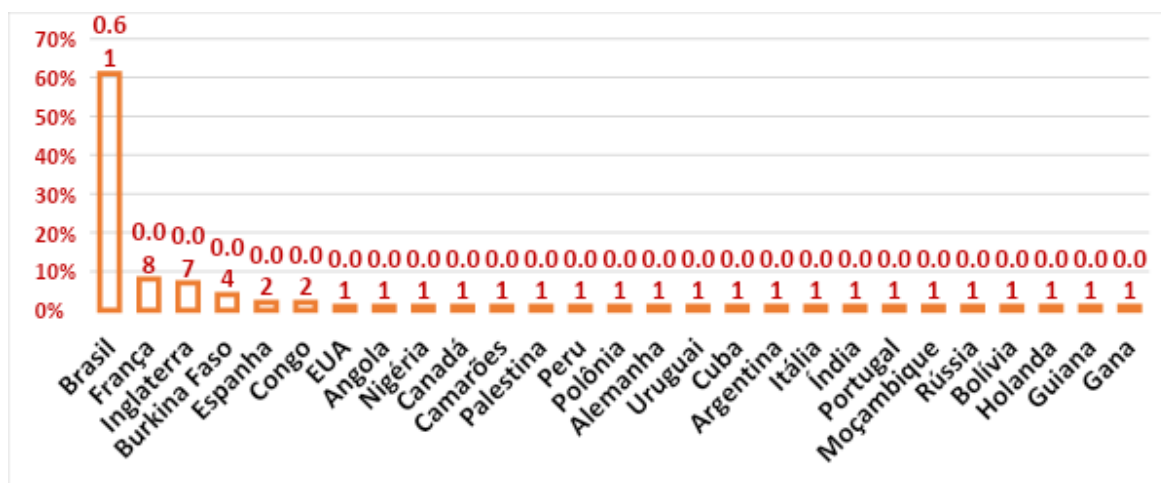
Elaboração: Autores

As bibliografias, em sua maioria, são provenientes da área de Geografia, História e Ciências Sociais. De acordo com o gráfico 02, a área de Geografia representa 35% do

MEDES E RATTIS, África e Formação de Professores e Professoras de Geografia: um Estudo a partir das Ementas de Disciplinas sobre Geografia Africana.

total de referências, enquanto História e Ciências Sociais representam 26% e 12%, respectivamente. Também foram encontradas obras na área da Antropologia (6%), Filosofia (3%) e Literatura (6%). Na área do gráfico denominado “Outros”, encontra-se uma gama de referências no campo das Artes, Economia, Biologia, Teologia, Ciência Política, dentre outras.

Gráfico 03: Bibliografia de acordo com o país de origem



Elaboração: autores :

Identificamos por meio do ISBN, repositórios institucionais ou DOI de revistas, o país de origem das bibliografias. No gráfico acima observa-se que no universo das 171 bibliografias há um total de 27 nacionalidades, com destaque às publicações nacionais, representando 61% das bibliografias, tendo em seguida 8% provenientes da França e 7% da Inglaterra.

Considerando a proveniência das bibliografias por continentes de origem (Tabela 02), observa-se que a maior parte advém do continente americano (67%), em função da grande quantidade de bibliografias brasileiras, como anteriormente mencionado. O continente europeu vem em segundo lugar com 21%; continente africano com 10% e o continente asiático com 2%.

MEDES E RATTS, *África e Formação de Professores e Professoras de Geografia: um Estudo a partir das Ementas de Disciplinas sobre Geografia Africana.*

Tabela 02 – Bibliografias por continente de origem

Continente	Quantidade	Porcentagem
Americano	115	67%
Europeu	36	21%
Africano	17	10%
Asiático	03	02%
Total	171	100%

Elaboração: Autores

A porcentagem de autores/as africanos/as nos planos de ensino se apresenta de forma incipiente (10%), haja vista a temática em questão, enquanto o dobro de contribuições teóricas advém do continente europeu. Percepções tais nos apontam que os saberes produzidos por intelectuais africanos ainda se encontram à mercê de um modelo científico moderno-colonial, onde, mesmo tendo como escopo principal as discussões sobre África, suas perspectivas são minorizadas.

Os saberes produzidos por intelectuais afro-brasileiros são atingidos por uma lógica semelhante, ainda que a maior porcentagem das bibliografias seja de origem brasileira, os autores acionados se repetem nos planos de ensino, havendo apenas dois ou três de fato evidenciados, em função da pouca visibilidade dada a pesquisadores/as da área africana e afro-brasileira.

Tabela 03 – Número de bibliografias por autor

Autor	Quantidade
ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos.	14
SANTOS, Renato Emerson dos.	08
SANTOS, Milton.	08
KI-ZERBO, Joseph.	07
SILVA, Alberto da Costa e.	06

MEDES E RATTIS, África e Formação de Professores e Professoras de Geografia: um Estudo a partir das Ementas de Disciplinas sobre Geografia Africana.

RATTS, Alex.	06
MUNANGA, Kabengele	05
MOORE, Carlos	03

Elaboração: autores

Na tabela 04, apresentamos os autores com três publicações ou mais nos planos de ensino, constatando o total de oito autores. Dentre os autores, os que mais se destacam são: Rafael Sanzio Araújo dos Anjos, com total de 14 publicações evidenciadas; Renato Emerson dos Santos e Milton Santos, ambos com 08 publicações. Cabe ressaltar que os três autores pertencem à área da Geografia, o que nos remete a saberes sobre África conhecidos na área. Os demais autores apontam diálogos relevantes da Geografia, quando se trata da temática africana, com áreas da ciência tais como História, Sociologia e Antropologia. Nesse contexto também é passível de questionamento o lugar das mulheres nos estudos africanos que, de modo geral, pouco se fazem presentes nos referenciais, havendo uma demarcação de gênero explícita.

Tabela 04 – Modalidade das bibliografias

Modalidade	Quantidade	Porcentagem
Livro/Capítulo de livros	108	63%
Artigos de periódicos	53	31%
Dissertações/Tese	8	5%
Anais de eventos	2	1%
Total	171	100%

Elaboração: autores

Por fim, o último aspecto observado tem a ver com a modalidade das bibliografias (tabela 04), notamos que, grande parte advém de livros ou capítulos de livros, em seguida têm-se os artigos de periódicos; Dissertação/Tese e Anais de eventos.

Partindo para a segunda parte da análise, quanto às abordagens geográficas, verificamos as seguintes áreas como as mais evidentes quanto se trata da temática africana, segundo a leitura dos planos de ensino: Geografia Regional, Ensino de Geografia, interface Geografia e História e Geografia Física. Cabe ressaltar que esses

MEDES E RATTS, África e Formação de Professores e Professoras de Geografia: um Estudo a partir das Ementas de Disciplinas sobre Geografia Africana.

aspectos se apresentam, em sua maioria, de forma conjunta nas discussões sobre o continente africano.

Dentre as temáticas com mais presença nas disciplinas postas acima notamos a abordagem da Geografia Regional, justificada pela leitura de África a partir de um estudo sobre regiões do mundo, de uma área continental, tendo em mente aspectos físicos e territoriais do mundo e processos de regionalização internos e externos na África.

Em função das discussões previstas sobre civilizações africanas na antiguidade, colonização e descolonização, diáspora africana, pan-africanismo e correlatos, a interface entre Geografia e História também se faz presente como um dos campos ou subcampos de maior destaque, sendo utilizado como uma abordagem introdutória das disciplinas, em prol de uma contextualização cronológica de acontecimentos histórico-geográficos.

Os aspectos de Geografia física da África, presente nas disciplinas, trazem as transformações ambientais resultantes da globalização capitalista, as características físicas e mineralógicas do continente africano, práticas cartográficas, recursos hídricos e a compreensão das condicionantes físico-ambientais dos territórios.

Quando se trata da educação geográfica, o enfoque do debate ocorre massivamente pelo viés da lei nº 10.639/03, currículo de ensino e reflexões sobre a África contida nos livros didáticos e manuais escolares de Geografia. O ensino de Geografia não é discussão presente na totalidade dos planos. Algumas das disciplinas centram-se em outros debates, não se atentando aos aspectos didáticos e metodológicos da temática na educação básica por meio da prática docente, o que a nosso ver resulta em perdas significativas. Afinal, como Callai (2011) nos atesta:

Formar professores, então, requer que nos cursos de formação inicial sejam trabalhados os conteúdos de forma que incorporem os princípios didáticos pedagógicos dos mesmos. Ao vivenciar as formas de aprender geografia o graduando poderá estabelecer as bases para ensinar a Geografia (CALLAI, 2011, p.07).

MEDES E RATTI, África e Formação de Professores e Professoras de Geografia: um Estudo a partir das Ementas de Disciplinas sobre Geografia Africana.

Dessa maneira, existem lacunas no tocante aos saberes geográficos africanos, em específico no campo da formação de professores/as e mediação didática. Sem dúvidas, fator inquietante por se tratar de cursos voltados para a formação de professores/as, sendo de grande valia um processo formativo que contenha reflexões no âmbito da Geografia escolar.

O processo de ensino – aprendizagem de Geografia nos permite atrelar os mais diversos vieses de construção de paradigmas geográficos. A ciência geográfica e os saberes espaciais produzidos pela mesma corroboram para uma conexão entre pessoas e coletividades, contribuindo na identidade e pertencimento dos sujeitos que, por meio de suas práticas cotidianas, construirão saberes e conhecimentos perante uma escala de mundo (MOREIRA, 1980).

O desafio envolto do ensino de Geografia africana e afro-brasileira consiste, principalmente, em propor uma educação geográfica desprendida do olhar único sobre África ainda equivocadamente lida como dependente de uma liderança colonialista, abstida de formas de organização social, marcada por uma unicidade de modos de vida, afinal, “[...] falar de África é fundamental, mas não é suficiente se não fizermos uma desconstrução das narrativas que estruturam as leituras de totalidade-mundo, o que implica revisões conceituais, revisões de estruturas [...]” (SANTOS, 2011, p. 14).

O ensino de Geografia pode contribuir positivamente no processo de ressignificação do continente africano e do elo existente Brasil – África, bem como na construção e reconstrução das identidades raciais afro-brasileiras e africanas que são demarcadas por espacialidades e territorialidades específicas.

As diferentes perspectivas geográficas no debate dos conteúdos sobre África, além de se apresentarem como um grande nicho em sala de aula, nos aponta a diversidade presente no continente, diversidade esta que deve ser cada vez mais contemplada nos espaços acadêmicos, possibilitando múltiplos caminhos ante a implementação da temática na educação básica.

MEDES E RATTIS, África e Formação de Professores e Professoras de Geografia: um Estudo a partir das Ementas de Disciplinas sobre Geografia Africana.

Considerações Finais

Analisar e refletir sobre os cursos de formação de professores e professoras de Geografia é um exercício árduo, entretanto, necessário, afinal, é por meio da mediação desses profissionais que os conhecimentos geográficos alcançarão os/as estudantes da educação básica. O exercício docente corresponde, em grande parte, às suas instituições formativas e as condições filosóficas, científicas e pedagógicas oferecidas por elas. É esperado que cada educador/a seja preparado não somente em nível de domínio dos conteúdos geográficos, mas também em prol da construção de práticas educacionais críticas, alinhadas a valores democráticos de justiça e emancipação social.

A prática docente centrada na transformação social e na problematização das desigualdades raciais, de gênero e de classe, se depara com inúmeros obstáculos, a julgar pelas próprias instituições de ensino e seus posicionamentos político-ideológicos, por vezes, voltados para a manutenção de grupos dominantes, modelos educacionais funcionalistas e currículos de ensino que silenciam determinados debates, dentre eles, os saberes sobre África e africanidades.

A espacialidade africana não se resume a dois blocos homogêneos denominados de África branca ou África negra, não há somente um bioma tal como o savânico, ou mesmo um só clima, um só povo, uma vivência ou uma maneira de acionar a(s) identidade(s) africana(s) (DESIDÉRIO, 2018). O discurso da unicidade inviabiliza e invisibiliza os estudos de Geografia africana e deve ser um ponto importante a ser abordado nos cursos de formação de professores/as: a ruptura do imaginário homogêneo. Para Tonini e Kaercher, a formação de professores/as de Geografia falha quando difunde ideias abstratas e de uniformidade das regiões, resultando em perdas na “[...] capacidade de ver e analisar os fatos e populações de forma mais detalhada e complexa” (2015, p.59).

Desse modo, ressaltamos que diante das principais abordagens em pauta nos planos de ensino, a concepção regionalista sobre África, atrelada a aspectos políticos, culturais e econômicos, seja a mais profícua ante a implementação dos saberes africanos nos cursos de licenciatura em Geografia e o rompimento de visões unitárias e homogêneas

MEDES E RATTS, África e Formação de Professores e Professoras de Geografia: um Estudo a partir das Ementas de Disciplinas sobre Geografia Africana.

amplamente alinhadas a perspectiva ocidental de construção do conhecimento, sendo necessário, sobretudo, associar processos de mediação didática e reflexões sobre a atuação docente ante a temática na educação básica.

Referências Bibliográficas

- APPLE, Michael W. **Ideologia e currículo**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- CALLAI, Helena Copetti. O Conhecimento geográfico e a formação do professor de Geografia. **Revista Geográfica da América Central**, v. 1, p. 1-20, 2011.
- DESIDÉRIO, Raphaela Toledo. Fotografia de África: entre invenções e aventuras. **Para Onde!?** (UFRGS), v. 1, p. 86-96, 2018.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro, Record, 1997.
- GOMES, Nilma Lino. Educação e Relações Raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In: MUNANGA, Kabengele (Org). **Superando o racismo na escola**. 2 ed. Brasília -DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem fronteiras**, v.12, n°.1, p. 98-109, 2012.
- GROSGOUEL, Ramón. El concepto de ‘racismo’ en Michel Foucault y Frantz Fanon: ¿teorizar desde la zona del ser o desde la zona del no-ser? **Tabula Rasa**[On-line] 2012, (Enero-Junio): Data de consulta: 12 / noviembre / 2020.
- MIGNOLO, Walter. **Desafios Decoloniais Hoje**. Epistemologias do Sul, Foz do Iguaçu/PR, p. 12-32, 2017.
- MOREIRA, Ruy. **O que é Geografia**. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- OLIVEIRA, Denilson Araújo de. Por uma geografia nova do ensino de África no Brasil. In: RATTI, Alex et al (Org.) **Espaço e diferença**: abordagens geográficas da diferenciação étnica, racial e de gênero. Goiânia, Gráfica da UFG, p. 09-32, 2018.
- SANTOS, Renato Emerson dos. A Lei 10.639 e o Ensino de Geografia: construindo uma agenda de pesquisa-ação. **Tamoios**, ano 7, n. 1, p. 4-24, 2011.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidades terminais**: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política. Petrópolis: Vozes, 1996.

MEDES E RATTI, *África e Formação de Professores e Professoras de Geografia: um Estudo a partir das Ementas de Disciplinas sobre Geografia Africana*.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3 ed. 4 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

TONINI, Ivaine Maria; KAERCHER, Nestor André. A diferença como possibilidade de discutir a desigualdade e combater o preconceito: A geografia que faz diferença. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos; TONINI, Ivaine Maria; KAERCHER, Nestor André (orgs.) **Movimentos no ensinar geografia**: rompendo rotações. Porto Alegre: Evangraf, 2015.

Data de Submissão: 14/04/2021

Data da Avaliação: 18/10/2021